SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA

TALITA THAIS DA ROSA REIS

DAS CRENÇAS, SABERES E BENZEÇÕES: AS MÚLTIPLAS PRÁTICAS DE PAJELANÇA NO INTERIOR DE TRACUATEUA (PA)

BRAGANÇA – PA
2026

TALITA THAIS DA ROSA REIS

DAS CRENÇAS, SABERES E BENZEÇÕES: AS MÚLTIPLAS PRÁTICAS DE PAJELANÇA NO INTERIOR DE TRACUATEUA (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo, apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança como requisito obrigatório e exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada Plena em História.

Orientadora: Profa. M.Sc. Magda Nazaré Pereira da Costa
Coorientador: Prof. M.Sc. Benedito Emílio da Silva Ribeiro

BRAGANÇA – PA
2026

TALITA THAIS DA ROSA REIS

DAS CRENÇAS, SABERES E BENZEÇÕES: AS MÚLTIPLAS PRÁTICAS DE PAJELANÇA NO INTERIOR DE TRACUATEUA (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo, apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança como requisito obrigatório e exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada Plena em História.

Data de aprovação: _____/_____/_____

Parecer: _____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____

Profa. M.Sc. Magda Nazaré Pereira da Costa (Orientadora) Faculdade de História – UFPA, Campus Bragança

_____

Prof. M.Sc. Benedito Emílio da Silva Ribeiro (Coorientador) Programa de Pós-Graduação em História – PPHIST/UFPA

_____

Profa. Dra. Maria Roseane Corrêa Pinto Lima (Examinadora Interna) Faculdade de História – UFPA, Campus Bragança

_____

Profa. Maria Eduarda Barros Binow (Examinadora Externa)
Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural – PPGDS/MPEG

BRAGANÇA – PA

2026

Das crenças, saberes e benzeções: as múltiplas práticas de pajelança no interior de Tracuateua (PA)

Talita Thais da Rosa Reis

Resumo: O curandeirismo ainda se faz presente no nosso meio, especificamente nas zonas rurais, onde sempre encontramos pessoas que buscam por um benzedor ou pajé, aquele que reze, ensine remédios caseiros ou simplesmente faça uma benzeção em prol da cura. Afinal, acreditando ou não, existem pessoas que buscam não somente a cura física, mas, também, a espiritual. Por isso, faz-se necessário entender o que é esta prática que permeia nosso cotidiano. Diante disso, o presente trabalho terá como objetivo analisar as crenças que fundamentam as práticas de pajelança na comunidade Cajueiro do Tatú, no interior de Tracuateua (PA), no intuito de compreender os saberes, benzeções e rituais envolvidos, bem como a simbologia, seu impacto na comunidade e outros aspectos. A pesquisa baseia-se especialmente em fontes orais, iniciadas em 2024-2026 com os moradores, com objetivo de analisar as crenças nas práticas de pajelança na comunidade.
Palavras-chave: Amazônia; Cultura local; Experiências; Saberes Tradicionais; Benzeções.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar as práticas de pajelanças em uma comunidade de zona rural no município de Tracuateua (PA), através dos sujeitos que delas participam, ou seja, os moradores da comunidade. A priori, a pesquisa visa aproximar o setor acadêmico ao ambiente rural do município, analisando relações dos grupos de pessoas que atuam através da cura. Segundo Elen Mourão (2011), a busca pela cura e males, sejam físicos ou espirituais, ainda é uma atitude comum entre os brasileiros. Além disso, Vanda Nery (2006), também afirma que na cultura popular, corpo e espírito não se separam, tampouco desliga-se o homem do cosmos ou a vida da religião. No decorrer da escrita perceberemos outros autores que dialogam com a temática sobre saberes, cultura, religiosidade e cura, como Raymundo Heraldo Maués (2005), Claudia da Silva Santos (2009), Raymundo Heraldo Maués e Gisela Macambira Villacorta (2011), Wanna Céli Sousa (2014), Romaisson Reis (2016) etc. Já autores como Paul Thompson (1992), Verena Alberti (1989) e Júlia Matos e Adriana Senna (2011) destacaram sobre a história oral e seus usos para esta pesquisa, afinal ela baseia-se neste método. Teremos outros autores para compreensão da pajelança como prática cultural, cheia de significados para a comunidade estudada, e assim, enriquecer o trabalho com teoria e vivência comunitária com a pajelança.

Com isso, nasceu a temática "*Das crenças, saberes e benzeções: As múltiplas práticas de pajelança no interior de Tracuateua (PA)*", que busca compreender múltiplas práticas de pajelança presente na comunidade. E para isso, é necessário investigar o papel dos saberes tradicionais, observando se essas tradições contribuem para a identidade cultural e para cura, dentro da comunidade, afinal, essas práticas desempenham um papel fundamental na vida de alguns moradores da comunidade, pois, os saberes tradicionais ainda se mantém vivos e são

transmitidos por gerações, especificamente as práticas de remédios feitos por ervas medicinais, onde envolvem a cura, proteção, benzeção e crenças. Nesse local, a pajelança se configura como um conjunto de práticas que se desdobram em múltiplas vertentes influenciadas pela tradição e até mesmo pelas dinâmicas sociais contemporâneas, que diante da modernidade procuraram se adaptar, preservar e resistir em um contexto globalizado que na maioria das vezes discriminam esses saberes tradicionais importantíssimos. Logo, o trabalho também consiste em entender como esses saberes e curas, são vistos como alternativas ou complementares aos tratamentos médicos, e se de alguma forma dialoga ou reflete com a cultura e identidade local.

Desse modo, o trabalho tornou-se relevante, pois, os saberes tradicionais estão sendo cada vez mais invisibilizados no mundo contemporâneo, como se não fizesse parte da nossa história, dos nossos antepassados, e essa crença nas práticas de benzeções são visivelmente presentes na comunidade, através da fé na cura e nos saberes tradicionais do senhor Marcelo Laranjeira, o benzedor e pajé da comunidade. Algumas pessoas fazem referência pelo seu nome próprio, mas, sempre quando é para benzer, alguns moradores costumam referir-se a ele, como "Marcelo, o pajé". Além de benzer, ele também ensina remédios, faz banhos, "fecha o corpo", levanta "titela caída", dentre outras práticas de pajelança e cura que realiza na comunidade do Tatú, região dos campos do município de Tracuateua, nordeste do Pará. O estudo dessas práticas é fundamental para compreendermos os saberes tradicionais, e as formas de resistência cultural, bem como as relações de poder que permeiam as crenças, os saberes e as benzeções. E não é apenas nessa comunidade pesquisada, mas também em outras comunidades interioranas que tem essa prática cultural, mas, que estão sendo perdidas.

É nesse contexto, que a pesquisa sobre as múltiplas práticas de pajelança foi idealizada, onde afirmo como cultura viva na comunidade, e a justifico pela necessidade de entender como essas tradições estão vivas, conseguindo se transformar e resistir às mudanças sociais, culturais e econômicas que afetam algumas comunidades rurais. Afinal, a pajelança enfrenta desafios para se tornar valorizada e preservada diante da cultura dominante, da religião, da política e de pessoas que a discriminam. E, é por meio disso que esse estudo se torna uma contribuição importante para o entendimento da complexidade das dinâmicas socioculturais locais, permitindo uma reflexão sobre a coexistência entre saberes tradicionais e modernos, promovendo reconhecimento e valorização a essas práticas importantes para muitas pessoas que acreditam e tem fé na cura através desses saberes.

Diante disso, não é preciso ir muito longe para vivenciar essa "fé nos saberes", basta visitar alguns interiores da cidade de Tracuateua – não somente aquele que está sendo mencionado aqui. Existem locais próximos, cujos moradores também recorrem ao benzimento, aos chás, garrafadas como forma de cura. É importante destacar que algumas pessoas que são

de comunidades próximas ao Cajueiro do Tatu, se deslocam até lá em busca de benzimento com um "pajé", como é chamado o curador local. No entanto, assim como existem pessoas que buscam e acreditam nesses saberes, também existem aquelas que discriminam e não acreditam, e isso é visível na comunidade. Logo, no decorrer da pesquisa serão citadas falas de pessoas que buscam essas práticas e daquelas que as discriminam.

Nesse sentido, os aspectos mencionados são de grande relevância e importância para o estudo na área da História e da Antropologia, pois explora as múltiplas práticas e saberes que contribuem para a valorização e resgate dos saberes ancestrais, que na maioria das vezes são marginalizados nas narrativas históricas tradicionais. Assim, essa análise ajuda a contextualizar os significados desses saberes, ligados às tradições espirituais que entrelaçam o cotidiano da comunidade, nessa região do nordeste paraense. Em síntese, a pesquisa na comunidade nasceu com o objetivo de mostrar a presença desses saberes, da fé, a cosmologia presentes no local e as memórias, sabendo que os benzedores desenvolvem a importante função de serem "guardiões da memória" (Santos, 2009). Por meio de suas vozes que professam orações e contam histórias, a possibilidade de registrar uma prática enraizada na cultura brasileira e que por muito tempo era uma das principais alternativas de cura, quando não a única, dos grupos excluídos espacial, social e economicamente.

Diante do exposto, faz-se necessário os resgates de memórias, e pensando nisso, resolvi conversar e escutar relatos de moradores da comunidade que recebem essa cura e dos benzedores que trabalham em prol da cura, com objetivo de resgatar, de registrar fatos para não serem esquecidos, afinal, cada relato de cura por meio das práticas de pajelança não devem ser esquecidos, outras pessoas precisam ler e perceber que aquilo de fato aconteceu, por isso é importante registrar as histórias nas entrelinhas da memória coletiva ou individual (Halbwachs, 2003). Logo, os relatos são fundamentais para essa pesquisa. De acordo com Le Goff (2003): "a memória é um fenômeno psíquico e social que pode ocorrer onde há e onde não há escrita. A memória é usada pelo Estado para preservar os traços de qualquer acontecimento, através da produção de vários tipos de documentos e faz escrever a história e acumular objetos". No decorrer do artigo, serão destacados alguns relatos oriundos de entrevistas com moradores da comunidade, aqueles que buscam a cura e aquele que não busca, e assim, perceberemos brevemente os motivos das crenças ou não, nas práticas de pajelança dentro da comunidade. Além disso, encontraremos relatos importantes do senhor Marcelo Laranjeira, pajé da comunidade, os quais enriquecem o trabalho com seus conhecimentos.

2. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Dessa forma, para fazer jus a pesquisa, é indispensável a fundamentação teórica através do diálogo de autores sobre a temática, e assim, torna-se fundamental os resgates de memórias através da oralidade. E é pensando nisso que se torna necessário a história oral, visto que um dos objetivos é demostrar a existência desses saberes tradicionais na comunidade pesquisa. Saberes que sofrem discriminação e que muitos querem apagar, associando-os a feitiçaria, mesmo colaborando para a cura de doenças que a medicina tradicional às vezes não consegue alcançar. Logo, quem mais poderia ter propriedade para falar da temática, se não os moradores do local? A partir dos sujeitos da pesquisa, ao saber dos saberes tradicionais, introduz-se a história oral como principal metodologia, pois, tais relatos tornaram-se fontes enriquecedoras para a minha pesquisa. Segundo Paul Thompson:

> [...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Thompson, 1992, p. 17).

Logo, essa afirmação mostra que é indispensável, não pensar nos caminhos de investigação através da escuta oral, do resgate de memórias. Esses que auxiliam na construção da identidade social, cultural e local da comunidade, através das benzeções e práticas de cura. E isso é perceptível nos relatos de curas alcançadas através das crenças e fé dos moradores, narrativas essas que tornam o trabalho enriquecedor. De acordo com Alberti, a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Vale mostrar aqui a evolução de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea:

> […] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (Alberti, 1989, p. 4).

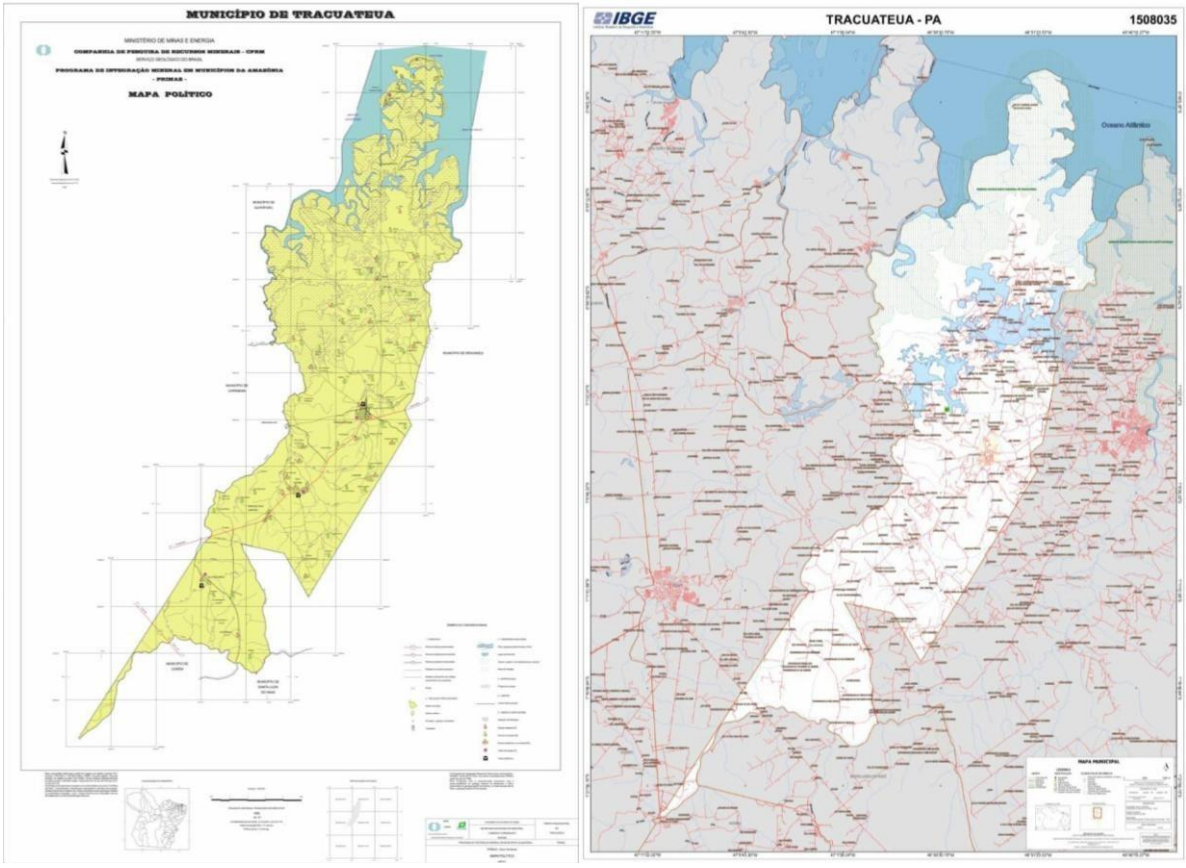
Nesse sentido, conforme destaco acima, percebe-se que, a memória é um elemento fundamental na construção da história oral. E é com ela que um grupo constrói sua identidade, transmitindo conhecimentos, tradições de geração para geração. Por isso, no decorrer da escrita observaremos essa memória social da comunidade em pequenas relatos com alguns moradores como já mencionado. Em suma, em alguns trechos da escrita, analiso as memórias de quem

conhece as práticas de pajelanças, quem acredita e as vivencia ou as vivenciou, bem como aquele que as executa, ou seja, que realiza os benzimentos para curar os males do corpo e espírito. Entrelaçada à memória coletiva, a memória individual permite a reconstituição de fatos que podem ser imprescindíveis na análise da temática estabelecida (Halbwachs, 2003).

3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A comunidade Cajueiro do Tatu está situada na zona rural do município de Tracuateua, no nordeste do estado do Pará. Da cidade, sede do município, até a comunidade, o deslocamento leva aproximadamente 20 a 25 minutos de carro ou moto. O município possui aproximadamente 30.959 habitantes, e conta com uma área territorial de 868,025 km, conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2020). Logo, a comunidade pesquisada fica próxima a outras: Santa Teresa, Ponta Grossa, Flexal, Jacareteua, Cantina, Ilha Serrada, Quatro Bocas e outras comunidades que são distritos do município de Tracuateua, do núcleo urbano. Além dessas, também abrange comunidades quilombolas como: Jurussaca, Torres, Cebola e Cigano. Conforme mostra o mapa de localização, contendo todas as comunidades do município, denominadas campos e colônia. Essas são as únicas imagens “visíveis” e disponíveis de caracterização das áreas do município.

Figura 1: Mapa Político do Município de Tracuateua (PA)



Fonte: IBGE, 2020.

Ao aproximar a imagem é possível observar a comunidade Cajueiro do Tatu, o lócus da pesquisa. Logo, como foi citado essas foram as únicas imagens disponibilizadas, onde é possível visualizar tanto a região dos campos quanto a região da colônia do município de Tracuateua. É a partir dessas pequenas informações que, ao longo da escrita, buscarei apresentar previamente pontos da minha pesquisa na comunidade, por meio de alguns diálogos com os moradores locais, a fim de dar maior destaque ao estudo. Portanto, é necessário destacar quando e como iniciei o trabalho. Logo, em 2024, deu-se início a pesquisa na comunidade, fazendo o resgate de memórias com moradores com a oralidade, onde alguns relataram não somente suas crenças na pajelança, mas também de onde elas vieram e quem as repassou. E com isso, percebi que alguns filhos começam a acreditar, porque, os pais ou avós também acreditavam nesses conhecimentos ancestrais.

No entanto, foi a partir desse primeiro contato oral com moradores que consegui perceber que na comunidade existia pessoas que acreditavam desde muito tempo nesses saberes tradicionais, mas, que também existiam pessoas que denominava como feitiçaria e que não acreditava, e isso foi notado durante uma aula de catequese na Igreja Católica da comunidade. Logo, naquele momento consegui visualizar quais pessoas iriam colaborar com a pesquisa, afinal, desde o primeiro momento em suas falas foi notado que esses saberes faziam parte da

cultura local. Portanto, os sujeitos que apareceram no decorrer do artigo foram selecionados pelos seus conhecimento e experiências a respeito da temática. Portanto, é importante destacar meu papel na pesquisa, pois, como filha da comunidade, busco também entender a cultura, a identidade que compõem a minha comunidade. Afinal, desde muito nova, essas práticas de cura fizeram-se presente na minha vida, onde toda minha família busca esse meio de cura na pajelança. Recordo-me das vezes que minha mãe me levava pra ser benzida na adolescência, e até hoje esses "costumes" ainda permeia no meu núcleo familiar. Pois, aprendemos que se existir uma dor que no hospital não conseguimos curar, imediatamente buscamos um pajé. Em síntese, o estudo é importante por muitos motivos, e especialmente, porque, é algo da história da minha comunidade do Tatú, onde vivencio essas práticas de cura cotidianamente, e por isso, busquei estudar e ouvir os demais moradores.

4. SISTEMATIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Nesse processo, foram considerados relatos e experiências de moradores que possuem diferentes posicionamentos sobre a pajelança, permitindo uma análise mais ampla sobre os conhecimentos culturais e as relações sociais estabelecidas com essas práticas no cotidiano da comunidade. Essa pesquisa é fundamentada na necessidade de mostrar que as práticas de pajelança ainda são vivas em muitos interiores, especialmente nesse a qual destaco, mas, que não tem visibilidade. E isso não é algo recente, o benzimento faz parte do cotidiano das pessoas, dos costumes tradicionais e da cultura da localidade do Tatu desde sempre. Por isso merecem ser reconhecidos e estudados.

O meu estudo pretende apresentar as múltiplas práticas de pajelança presentes na comunidade Cajueiro do Tatu, de Tracuateua (PA), onde moldam a identidade e cultura local de moradores/as através de crenças, saberes e benzeções presentes ali. Por isso, procuramos analisar as crenças, saberes, a fé na cura através da pajelança, o uso de plantas medicinais, garrafadas e outros saberes, contendo o levantamento de ideias de autores, observação e pesquisa na comunidade, além dos relatos orais com as experiências de sujeitos da comunidade relacionados com as práticas da pajelança. No decorrer da escrita observaremos a memória social coletiva da comunidade em pequenas relatos com alguns moradores já mencionados acima. Em suma, em alguns trechos da escrita, retomaremos as memórias de quem conhece bem as práticas de pajelanças, que acredita e que as vivenciam e aquele que executa, ou seja, aquele que realiza os benzimentos para curar os males do corpo e espírito.

4.1 Crenças, saberes e fé na cura através da pajelança: teoria e prática

É sabido que no Brasil ocorreu um processo de convergência de práticas de curas em muitas formas aplicadas pela cultura europeia, e com aquelas que foram exercidas pelos povos nativos e também pelos africanos escravizados, fazendo com que houvesse uma miscigenação de rituais dessas formas e práticas. Afinal, a cultura amazônica, por sua vez, em suas múltiplas faces e aspectos é resultante da "integração dos elementos culturais de que eram portadores os que participaram do processo de colonização da região" (Figueiredo, 1972, p. 35). Assim, a pajelança cabocla é um significado aspecto da cultura brasileira, e especificamente, da cultura amazônica, uma religiosidade bastante presente em várias localidades da Amazônia. Segundo Heraldo Maués (2005), a pajelança amazônica do tipo cabocla é um conjunto de práticas e crenças xamanísticas que tem em suas expressões culturais diversos elementos oriundos de religiosidades indígena, africana e católica, mesclados em graus variáveis.

Dito isso, sabemos que antes da chegada dos colonizadores ao Brasil, viviam aqui os povos indígenas que se encontravam pouco expostos a doenças. O local era privilegiado em fauna e flora e rios abundantes, e isso não significa que antes da chegada dos europeus já não existia as curas por meios medicinais. No entanto, com a chegada dos europeus trouxeram doenças, epidemias e infecções. Como a natureza era rica em plantas e ervas medicinais surgiram mais formas de utilização destes recursos para a cura de doenças que surgiam e pequenas enfermidades (doenças, desequilíbrio físico ou mental). Afinal, "a pajelança é voltada para tratar doenças físicas e espirituais, que engloba elementos do catolicismo popular, tambor de mina e das culturas indígenas" (Santos, 2014, p. 2).

Além disso, os termos cura e pajelança são usados para designar um sistema médicoreligioso tão antigo, onde o curador ou pajé, em transe ou inspirado por entidades espirituais, faz diagnóstico; trata enfermidades; prepara medicamentos naturais, a partir principalmente da flora e da fauna brasileira; e receita alguns remédios (Ferreti, 2008, p. 7). Dito isso, foram muitas técnicas e plantas utilizadas pelos indígenas como remédios. A cultura indígena possui um vasto conhecimento sobre poderes medicinais da natureza, a qual apresenta cada tipo de planta ou erva para determinado tratamento que é adequado a cada tipo de enfermidade. A figura do pajé ou xamãs que são pessoas consideradas líderes espirituais da aldeia, se dizem intermediários entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos e responsáveis pela cura.

Desse modo, no Brasil, as práticas de cura acabaram se construindo:

> [...] em meio a um complexo processo que tem lugar a partir de uma mistura de saberes e práticas, indígenas, africanas, europeias, além do recurso a ervas, benzedeiras,

> invocações. Com eles procura-se responder não somente aos pequenos, mas também aos graves problemas que afetam a saúde da população (Stancik, 2009, p. 122).

Sabe-se também, que a relação, entre os curandeiros, as benzedeiras e as parteiras, em relação às pessoas que dotaram do saber científico, era bastante tensa, pois aqueles que detinham saber da medicina, buscavam impor e desautorizar os saberes populares. Na colonização do Brasil, os portugueses e a igreja católica, inviabilizaram qualquer tipo de produção de conhecimento, inclusive as formas terapêuticas. Assim, Mary Del Priore (2009, p. 80), analisando a ciência médica entre os séculos XVI e XVIII, afirma que "carente de profissionais, desprovido de cirurgiões, pobre em boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo e levava a colônia junto". Ou seja, segundo o contexto, nesses séculos a presença de profissionais da saúde era reduzida e a formação de futuro médicos era deficiente, segundo relatos daqueles que estavam nesse período no Brasil.

Segundo Márcia Soares (2001), sempre houve, seja no campo ou na área urbana, pessoas que possuíam os poderes da cura, e que aplicavam de alguma maneira com suas ervas e orações, conseguiam a cura, o respeito e a admiração da população. Desse modo, para se obter a cura, seria utilizado a intenção das forças dos espíritos e o sobrenatural, para assim dar finalizações dos feitiços e perdão aos pecados. Ela também afirma que: "não é a ausência de médicos que explica a ampla aceitação dos curandeiros, mas antes a concepção de que a origem das doenças tinha uma natureza sobre-humana sobre a qual essas pessoas tinham a faculdade de intervir" (Soares, 2001, p. 421).

Em síntese, a pajelança não poderia ser vista apenas como uma "herança indígena", mas, como uma combinação de tradições indígenas com elementos do catolicismo popular, religiões afro-brasileiras, o resultado de encontros que forma essa prática dinâmica, reconhecendo os pajés como agentes históricos que com seus conhecimentos mediam a cura. Afinal, o pajé é aquela pessoa que tem o dom de curar doenças naturais e não naturais com o auxílio dos encantados, e os encantados ou caruanas, são seres mágicos que vivem no fundo dos rios, florestas e detentores de poder e sabedoria. Ambos são os dois eixos principais que compõem a pajelança (Cavalcante, 2012, p. 3). Dessa maneira, é importante perceber a importância desses saberes, sabendo que foram e ainda são perseguidos por preconceitos.

Segundo Aldrin Figueiredo (1996), a pajelança foi alvo de perseguição sobretudo no final do século XIX e início do XX. "Nos anos 20 as denúncias de pajelança e feitiçarias ampliaramse na área. Em 1925, um morador do bairro chamou atenção do governador do Estado para a presença dos feiticeiros, dos malignos malfeitores que mandavam naquelas bandas" (Figueiredo, 1996, p. 371). Ou seja, muitos classificavam a pajelança como banal e os pajés como "charlatães", existiam essas visões. Ainda segundo o autor, os pajés apareciam como

embusteiros e ladrões que utilizavam os conhecimentos do ritual da cura na pajelança para enganar a boa-fé das pessoas. Dito isso, compreendo que na pajelança o ponto central não é somente se existem os encantados, espíritos, mas, também, como a crença neles, nos saberes, organiza experiências, relações sociais e identidade dentro da Amazônia, onde deveríamos olhá-la como uma prática histórico-cultural de mediação espiritual e cura, percebendo que o mundo material e o espiritual estão interligados.

4.2 Experiências de cura na pajelança com moradores locais

Diante dessas afirmativas, destaco a fala de uma moradora da comunidade, chamada Maria dos Remédios Reis, de 64 anos, que acredita e defende a cura através das práticas de pajelança. Ela reside na comunidade desde o primeiro dia de sua vida, e atualmente, é aposentada e mora com seu marido, filhos e netos, em conversa destacou:

> [...] eu e minha família toda acredita que o pajé, o senhor Marcelo pode curar, da mesma forma, ou melhor que a medicina, porque, ele tem um dom de Deus, a oração que ele faz é a mesma que vemos na igreja, por isso eu acredito no benzimento dele, e sempre recomendei meus filhos a levarem os seus ao Marcelo aqui da comunidade e em outros próximos quando não o encontrava. E isso a gente vive desde quando meus pais eram vivos, é uma crença repassada que passamos a viver e crê em Deus e no benzedor (Maria dos Remédios Reis, entrevista, 2025).

Essa fala faz lembrar alguns autores que dialogam com a temática, que é fortemente vivida através da fé e da religiosidade na comunidade. Tendo em vista que, na religiosidade popular quem trata o doente são os benzedores, mas qualquer cura é obra de Deus pois foi “o próprio Jesus quem ensinou as orações”. Boa parte delas serve para curar doenças, algumas para o quebranto (um mau olhado que deixa a pessoa “muída, mufina”, em crianças da febre, vômitos e fica “molinha”), outras para engasgo, cobreiro (infecção, coceira causando bolhas de água dolorosas e vermelhas no corpo; vem do contato de algum animal peçonhento, como sapo, aranha), dor no dente e muitas outras. Desse modo, algumas orações não podem ser reveladas, como aquelas rezadas contra os inimigos ou para fechar o corpo, pois, os benzedores temem que revelando o segredo, elas “possam perder o encanto” (Nery, 2006, p. 3).

Como destaca Vanda Nery (2006), a questão da fé/crença nas práticas de pajelança e cura são fundamentais. Tendo em vista que precisa ter fé para abençoar e curar outras pessoas. Os pais levam seus filhos ou procuram um benzedor porque têm fé. Mas há aqueles que fazem isso apenas por tradição, sem nem sequer acreditar no poder da oração. Nesses casos, a benzeção não funciona pois é preciso ter fé para ser curado. Diante da afirmativa e fala da moradora, percebe-se que o que move a cura é a crença muito forte, e isso é perceptível na comunidade do

interior de Tracuateua, onde a fé na cura é um dom divino, os moradores confiam naquele que benze.

Seguindo essa perspectiva, Betânia Figueiredo (2008) afirma que “benzer para proteger, fortalecer e curar, durante muito tempo era a alternativa para boa parte da população, distante geográfica e socialmente dos centros urbanos, onde se consolidava o saber médico moderno”. Em paragens interioranas, o benzimento e outras formas de conhecimento popular cumpriam a função de tratar doenças, males do corpo e da alma. A população das cidades interioranas espalhadas pelos espaços rurais se desenvolveriam, pela tradição, formas próprias de intervir no corpo doente e no corpo que sofre fisicamente.

A intermediação entre o paciente e o seu problema poderia ocorrer através da figura ampliada do curador, seja ele o benzedor ou aquele que indica mezinhas, chás e receitas conhecidas, aquele que observa, diagnostica e prescreve ou ainda por meio de alguns elementos que podem representar proteção: patuás e amuletos espalhados pelo corpo, ou outras formas de crença. A moradora, dona Maria dos Remédios ainda destacou:

> Ah, os chás, garrafadas que ele faz, é muito boas, e nas comunidades vizinhas ouve falar do trabalho dele, porque ele é bom, as pessoas vão indicando, muita gente o procura, todo doente que ele benze fica bom. E ele benze tudo, pra tirar mau-olhado, quebranto, titela caída, tudo. E além dele também tem pessoas que puxa barriga de grávida. E os chás são feitos de plantas do quintal mesmo, tem a babosa, mastruz, cidreira, alecrim, boldo, e tudo é para alguma doença, pra curar dores... (Maria dos Remédios Reis, entrevista, 2025).

Afinal, o benzedor não faz propaganda de seu trabalho. Ele se torna conhecido da comunidade por causa da cura das pessoas que atende e é sempre procurado por pessoas do local. Não existe benzedor sem que haja uma comunidade que busque suas orações. Ele se torna conhecido da comunidade por causa da cura das pessoas que atende e é sempre procurado. “É a comunidade que faz o benzedor” (Nery, 2006, p. 4). Diante disso, reafirmo que a temática se faz presente continuamente na zona rural, as pessoas buscam pela cura, acreditam nos banhos, nos chás de ervas, na benzeção e no saber do pajé da comunidade, ou seja, as múltiplas práticas que percorrem os saberes tradicionais são vivos na comunidade do Cajueiro do Tatu, mesmo a temática, na maioria das vezes ser carente de atenção por parte de alguns pesquisadores, sobretudo, aos que estudam o tempo presente, mas, a cura nessas práticas existem.

Logo, o benzimento visa curar doenças oriundas do corpo e do espírito. Mas algumas doenças são tradicionalmente tratadas por essa prática: cobreiro (irritação na pele), dor de cabeça, dor de dente, peito aberto ou arca caída (dores na região do tórax), afta, quebranto (mauolhado), bicha (lombriga, vermes), machucadura e rendidura (dores musculares e lesão por esforço), entre outras. São as chamadas “doenças de benzedeiras” ou “doenças de rezadeiras”

(Oliveira, 1985; Archanjo; Leite, 2014; Maués; Villacorta, 2011; Castro; Cavalcante, 2018; Pimentel; Silva; Silva, 2024).

No entanto, apesar de terem pessoas que acreditam nas práticas de pajelança, existem também aquelas que não acreditam. No caso, em um diálogo com a moradora Maria de Nazaré Oliveira (conversa informal, 2026), a mesma destacou "eu não acredito em pajelança, mas, respeito, e, sim, um ser humano consegue sim curar alguém, mas, só se ele praticar a fé católica, crer e profetizar ela, afinal, o único capaz de curar é Deus". E ela ainda completou dizendo "quando meus filhos adoeciam, eu curei somente rezando, fazendo oração, não precisei de pajé nenhum". Essa conversa demostra fortemente além da religiosidade, a fé da senhora em um único Deus, demonstra como o preconceito, a intolerância ainda se mantém, pois, para ela "milagres" existem na cura, mas, somente se estiver na religião católica. Afinal, segundo ela, as pessoas idolatram um pajé ao buscar ajuda de encantados e espíritos.

Assim, percebemos que a pajelança ainda é vista por algumas pessoas como feitiçaria, algo maligno, colocando o saber indígena como inferior, reproduzindo um olhar colonial e carregado de estereótipos. No entanto, o senhor Marcelo diz:

> Essas práticas de cura não tem nada de brincadeira, nem maligno, porque Deus está em tudo que a gente prática, porque tudo que ele deixou para nós foi a natureza, para nós tirar tudo que precisamos de lá, das plantas, do sol, da lua onde utilizamos a energia, do silêncio da mata, sentindo o que ela transmite, porque tua carga negativa fica lá. Então o fundamento é Deus, e não religião alguma (Marcelo Laranjeira, entrevista, 2026).

E a autora Roseanne Castelo Branco (2017), destaca em seu texto, que a pajelança cabocla é frequentemente compreendida através das lentes da feitiçaria e xamanismo (afinal, a pajelança é vista como uma manifestação de xamanismo amazônico que atua como sistema de cura, magia e religião e a feitiçaria vista como rituais para estabelecer o equilíbrio físico e espiritual). Logo o uso da feitiçaria e a prática da pajelança não constituem atividades exclusivas de um grupo homogêneo, mas sim expressões culturais diversificadas. Mas, como a pajelança cabocla sendo uma prática de cura e espiritualidade e presente em diversas regiões, é vista como feitiçaria por algumas pessoas. "Adentrar no mundo amazônico é sentir o aroma das ervas, sentir a magia das águas e da floresta e se deixar envolver pelos mitos e sincretismo religioso, oriundo do mundo indígena, africano e europeu" (Branco, 2017, p. 56).

Diante dessa afirmativa, percebemos que a autora enfatiza em seu texto como os xamãs ou pajés exercem esse papel de prática de tradições e como suas crenças são na maioria das vezes mal interpretadas, ou seja, associadas ao conceito de feitiçaria e de xamanismo do mal. Logo, algumas pessoas não conseguem compreender essas práticas de cura como uma forma de

cuidado com o bem-estar, onde a medicina às vezes não consegue alcançar. Desse modo, faz-se necessário buscar outro meio de cura, através de um "simples" benzimento, ou até mesmo com um chá preparado por plantas/ervas medicinais do quintal.

Segundo Elen Mourão (2011), por todos os cantos encontramos propagandas de remédios, tratamentos e receitas milagrosas, que em pleno século XXI, a crença em benzimentos, chás, garrafadas, simpatias, uso de objetos (patuás, amuletos e talismãs) e entre outros, faz-se muito presente, ou seja, é importante destacar que, existe também as crenças nos chás de ervas medicinais, onde os curadores/pajés usam ervas para preparar as garrafadas, banhos e alguns até usam para benzer, como é o caso do pião roxo. Wanna Céli Sousa (2014) destaca sobre a emergência e retorno à medicina tradicional, uma vez que saberes e práticas de benzedores, curandeiros, parteiras, pajés e outros experientes são constantemente estudados pela Antropologia e por áreas da Medicina, que buscam no caso desta última validar em seus laboratórios a veracidade de princípios farmacológicos e informações fornecidas por esses sujeitos, que podem levar a descoberta de novos medicamentos a partir de certas plantas medicinais.

A autora defende a ideia de que, isso ocorre porque quando se esvai o entusiasmo com as novas descobertas da moderna medicina, avanços estes que grande parte da população depositou confiança para o extermínio de todas as doenças, expectativa de um mundo melhor, que a população tenha saúde perfeita, ervas e plantas utilizadas pelas populações tradicionais continuam mantendo seu espaço de destaque. Tendo em vista que, apesar do século XIX ser, de acordo com Betânia Gonçalves Figueiredo (2008), "um marco na história da medicina", presenciando a descoberta e o uso da anestesia nas intervenções cirúrgicas e de práticas de assepsia, bem como progresso nas pesquisas bacteriológicas, não conseguiu alterar esse cenário e sem conseguir coibir, passa a conviver com a medicina popular.

> O espaço da fé, da crença, da simpatia não se contrapõe, na prática das pessoas do século XIX, ao espaço da razão e da chamada ciência médica. Aquele que procura o curandeiro pode, para o mesmo problema, consultar o médico formado. Encontramos relatos de médicos indicando que os pacientes passavam pelas mãos de outros curadores e procuravam os médicos quando não obtinham sucesso na primeira tentativa (Figueiredo, 2008, p. 31).

Portanto, perante leituras e pesquisa com a comunidade, é fato que existem doenças que são para médicos e doenças que são para benzedores, rezadeiras, o próprio pajé. Por isso que em regiões mais afastadas, interioranas e mesmo nas periferias das grandes cidades, é comum encontrar benzedeiras, por exemplo, que dedicam boa parte de seu tempo ao ofício da cura, à atividade de ajudar os outros a superarem suas doenças corporais e espirituais. Algumas são

rezadeiras no sentido estrito, benzem com água (benta ou não) e ramos verdes, recitando orações específicas para cada doença. Outras, além de benzer, receitam chás, banhos curativos e/ou para afastar energias negativas, "preparados", entre outros (Santos, 2007; Silva, 2009, Hoffmann-Horochovski, 2015).

Neste caso, além da crença no sagrado, acredita-se no uso das plantas para curar doenças na assim chamada "medicina não oficial da cultura brasileira" (Santos; Guarim Neto, 2005). Em que pese diferenças entre os rituais e as crenças, todas as pessoas que praticam a benzeção se consideram detentoras de um dom divino, que as qualificam e as identificam como benzedeiras ou curandeiras. Em síntese, através de minhas experiências vivendo na comunidade e observando ao dialogar com alguns moradores, reafirmo que na comunidade Cajueiro do Tatu existem múltiplas práticas de pajelança, entrelaçadas na vivência de muitos moradores, que acreditam na benzeção e referenciam esse saber como cultura local. De acordo com os moradores, tais práticas já existiam na comunidade há muito tempo. Elas são uma marca de identidade para aqueles que acreditam, porque eles "se apegam" nessa cura, através da fé e faz parte do cotidiano.

Afinal, se surgir uma "dorzinha" e o médico não resolver, imediatamente levam ao senhor Marcelo para resolver com sua indicação de chás, banhos e com sua reza ao benzer. Logo, a temática deste trabalho surgiu com a necessidade de mostrar esses saberes como cultura e identidade vivas da comunidade, e que essas práticas que alguns querem invisibilizar, ainda se encontram firmemente presentes. Sejam no chá com plantas medicinais do quintal ou em um banho de "sal grosso" na sexta-feira para tirar o mau olhado, e a crença nesses rituais de cura, é a chave que fundamenta a pesquisa. E para além disso, perceber os fortes elementos da cultura cabocla afro-indígena presentes nas práticas de cuidar da saúde através desses saberes tradicionais, pois, essas práticas são comuns não só pelos indígenas, mas, também, dos negros, esses quais habitam a região. E para isso, faz-se menção as comunidades quilombolas presente no município de Tracuateua, dentre elas, a comunidade do Cigano, Jurussaca, Torres, outras, que também detém esses e outros saberes.

Portanto, é necessário perceber a presença desses grupos no Município, não é à toa que o nome do município tem origem na junção de dois termos do vocabulário indígena, provavelmente oriundos de etnias ligadas ao grupo linguístico tupinambá. A palavra indígena tracuá (uma espécie de formiga negra) e teua (terra). Todavia, conforme está presente no Dossiê sobre a história e o sentimento de pertencimento da Comunidade do Cigano em TracuateuaPA. A cidade não surgiu a partir da Estrada de Ferro, como é comum se ouvir dizer, mas sim, que é lugar de habitação muito antigo, local onde escravos fugitivos se instalaram nos campos, matas

e vales interioranos da região desde meados do século XVII aproximadamente – período colonial de nossa história – portanto, época das capitanias (Asp; Santos, 2018, p.17).

Desse modo, pode-se dizer que nessas práticas tradicionais ou "costumes" de cura, estão presentes fortemente a cultura afro-indígena, em todo conhecimento deixado e repassado com as práticas de cura e remédios caseiros da medicina popular. E esses "costumes" são fortemente presente nas comunidades rurais de Tracuateua.

4.3 Relatos de benzimento: plantas medicinais, banhos e garrafadas

O benzimento foi e ainda é em muitos lugares, uma prática de cura bastante difundida e reconhecida socialmente. Atividade antiga na sociedade brasileira, remonta ao Brasil colonial, envolve saberes populares que são transmitidos de geração a geração e é realizada principalmente, mas não exclusivamente, por mulheres que a assumem como uma vocação, no entanto, a figura masculina também assume esse papel. Geralmente, a prática é aprendida de duas formas: intuitivamente ou por ensinamentos recebidos de alguém mais velho que procura garantir a manutenção de seus conhecimentos, a continuidade de suas rezas. Em ambos os casos, contudo, considera-se que a pessoa aprendiz é agraciada com um dom divino e é justamente isso que a torna apta a realizar os procedimentos de cura.

Seu caráter sagrado, comumente associado ao catolicismo popular, está relacionado com sua finalidade de curar doenças, males que são provenientes do corpo e do espírito (Oliveira, 1985; Santos, 2007; Silva, 2009). Dessa forma, a benzeção é uma prática baseada em crenças executada por meio de rituais. E cada benzedor tem um rito próprio, uma maneira de benzer. Mas todos que buscam pelo ato tem o mesmo propósito: a cura através da fé. Tal aspecto se faz presente na comunidade. Portanto, no ritual da cura há semelhanças, mas também diferenças. Isso porque "cada benzedor possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção. Essa singularidade a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé" (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012, p. 169).

Na comunidade do Tatu, existe um pajé, o senhor Marcelo Laranjeira, de 45 anos, que vive na comunidade com sua família há 12 anos, casado. Ele cuida das pessoas que o procuram, benze, ensina remédios, faz remédios com plantas medicinais, exerce quase toda função que um benzedor tem. Ele prepara garrafadas e utiliza pião roxo para benzer. Isso é perceptível quando ele relata:

> Eu benzo, ensino e faço remédio pra pessoa, mais é bem classificado e com cuidado, porque, eu não ensino e nem faço remédio sem saber se a pessoa é diabético ou

> hipertenso, porque cada tipo de caso requer um tipo de remédio, pois, do diabético não pode ir álcool nem açúcar, e a planta não pode ser aquela que aumenta o sangue para não alterar a pressão, tem que ser aquela com teor baixo, e já para aquelas pessoas que não tem esses problemas já é usado uma garrafada super forte, algumas com vinho dentro. E eu uso uma biodiversidade de plantas, brejo, catinga de mulata, erva-cidreira, uso todas [risos]. E tem 7 dessas juntas que complementa o tratamento tanto da mulher ou homem que é a garrafada das 7 plantas medicinais, onde tem jucá, babatimão, unha de gato, uxi-amarelo, boldo, quina que é muito bom para revitalizar o sangue, gordura no fígado, e tem as outras que esqueci o nome, em casa tem tanta casca de pau [risos], mais, são os mais tradicionais para uso de garrafadas, tudo usado com cuidado (Marcelo Laranjeira, entrevista, 2026).

Logo seguida ele, destacou sobre instrumentos de uso:

> Para rezar quebranto, vento caído, eu uso pião roxo, e alho para quando a pessoa está com mau-olhado ou carga muito negativa, já para rezar zibra, a erisipela, é usado a faca ou tesoura virgem, um objeto metálico que tenha aço, porque o aço puxa a quentura dessas doenças feias.

Desse modo, percebemos nessa fala o que a autora Elen Mourão (2011) afirmou sobre o benzimento ser uma prática cultural e religiosa responsável por promover a cura. Esta prática assume o papel terapêutico que auxilia na cura do doente, uma vez que ambos acreditam na eficácia do ritual e, além disso, percebe-se o cuidado e a responsabilidade que existe ou deveria existir dentro dessa prática de cura. Isso é destacado pelo senhor Marcelo: “Ser pajé é ter responsabilidade, porque você está usando a medicina caseira pra cuidar de vidas, somos responsáveis pelo remédio que damos para as pessoas” (Marcelo Laranjeira, entrevista, 2026).

A partir disso, destaco também, que existe na comunidade outras pessoas que praticam esse saber, o cuidado, porém, de uma forma diferente. Uma senhora chamada Osmarina Oliveira, de 64 anos, filha da comunidade, exerce a função de “puxar” barriga de mulher grávida, com o objetivo de perceber se o bebê está encaixado e saudável no ventre. Outra é Maria dos Anjos de 62 anos, que benze zibra de perna, benze crianças pequenas com mau olhado e ensina remédios caseiros para cura, através de plantas medicinais. Mas, elas não se identificam como curandeira ou benzedeiras, pois, em conversas informais, elas relatam ser somente um dom que Deus deu para ajudar as pessoas, e que o termo “benzedor” é carregado de estereótipos, mas, que também é um termo importante culturalmente, e que elas por escolhas próprias preferem não carregar, mesmo, tendo um papel importante na comunidade, onde oferecem cura ao bem-estar e consolo para aqueles que as procuram.

Logo, é inevitável pesquisar brevemente a comunidade e não perceber as múltiplas práticas de pajelança que circula naquele lugar, é como se fizesse parte da cultura e identidade local, claro tem aquelas que não acreditam, mas, um ponto importante observado no decorrer da pesquisa, é que a maioria dos viventes na comunidade são compostas por pessoas que buscam

esses saberes, porque acreditam na cura através da benzeção. Isso tem grande impacto na comunidade com a crença no visível e no invisível, e tudo isso para a cura e o bem-estar. Portanto, o benzimento é a chave fundamental para iniciar o processo de cura de doenças que a medicina não consegue alcançar, e isso, através de chás feito por plantas medicinais, as garrafadas, os banhos de cheiro com ervas, tudo para curar o corpo, o espírito, o invisível.

Desse modo, as práticas de benzeção é fundamentalmente ancorada na fé, elas somente são possíveis na crença do poder da benzendura, nos rituais e nas recitas de chás que envolvem as plantas conhecidas na população. É importante frisar que a prescrição de ervas para banhos, chás unguentos, por mais que ajudem no processo de cura, "são apenas um complemento. A essência da benzeção é a oração e o rito que envolve a prece. Assim, conclui-se que uma vez estabelecida a oração que incidirá na cura espiritual, as ervas e sua manipulação auxiliarão na cura física" (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012, p. 172). Diante disso, é inegável que a cura é movida pela fé, as pessoas confiam na prática do pajé/benzedor. Como relata dona Maria Reis:

> Eu acredito no poder da cura de um benzedor, pois, um dia, minha neta de 4 meses estava quase morrendo e ninguém sabia o porquê, uma noite ela ficou molinha, roxa e parecia morta, logo, pensamos que não era algo para médico e não levamos para o hospital, chamamos uma pajé, não foi o seu Marcelo, foi outra, que naquele momento era a mais próxima e disponível no horário de 21 horas. E quando ela chegou, ela pegou pião roxo e rezou em cima da minha neta, fez uns processos no corpo para ela tornar, e tornou. No mesmo instante ela disse que a bebê estava carregada de quebranto, mau olhado de pessoas ruins e por isso, estava tendo aquelas crises. E incrível, depois que ela benzeu, receitou remédios e cuidados, a minha neta ficou bem, e hoje está conosco vivendo saudável a 9 anos. Aquilo foi Deus, e foi graças ao dom daquela pajé que a curou, nunca vou esquecer, guardo até hoje na memória (Maria dos Remédios Reis, entrevista, 2025).

Logo, as práticas que envolvem a pajelança é uma busca constante que envolve muitos aspectos bons e ruins. E em conversa o senhor Marcelo Laranjeira (conversa informal, 2025) relatou o seguinte: "[...] a pajelança é um jeito de cuidar das pessoas com responsabilidade, cuidar do espírito, mente, corpo da pessoa, não é só reza, benzimento, remédio, é conhecimento que caminha junto com a medicina". Ele ainda acrescentou:

> Esses saberes envolve várias formas, a benzeção, o uso das plantas e ervas medicinais, tem a defumação, tem a reza forte para quebrar mau-olhado, e também tem trabalho espiritual, e isso é importante quando a pessoa vem com problema que não é só do corpo, é da alma. Por isso digo que ser pajé é responsabilidade, não é brincadeira, porque quando fazemos um remédio somos responsáveis pelo que damos pra pessoa tomar, porque ela acredita naquele remédio, na cura. E eu sempre digo logo quando o problema é pra mim, ou quando tem que levar pra médico. E eu curo só com a medicina caseira e dentro da pajelança eu só não prático bruxaria feita de maldade para os outros, a parte mal não aparece na minha mesa, na minha mesa é só cura, cuidados mesmo (Marcelo Laranjeira, conversa informal, 2025).

No decorrer da conversa, em sua opinião, ele diz que existem pessoas com “energias ruins”. Por isso que as práticas de pajelança são reais, porque tem que existir algo para tentar curar aquilo que no hospital não curamos. E isso foi perceptível quando ele fala: “Existe pessoas negativas, que são maldosas mesmo. No nosso quintal existe plantas venenosas, eu nem gosto de falar porque na minha visão, existe gente ruim mesmo que pode fazer mal, mas, eu reconheço elas” (Marcelo Laranjeira, conversa informal, 2025). Ou seja, percebe-se que apesar de dentro do curandeirismo existir o bem e o mal, e mesmo que não tenha uma formação científica, nenhum cuidado ou prática invalida a outra, afinal, a ciência é importante, e a medicina tradicional também, pois, em alguns casos, quando o médico não pode curar, um benzedor pode. E em diálogo com ele, mesmo por pouco tempo, ele reafirmou o que desde o início da escrita venho afirmando. A cura só existe, porque também existe a fé nela, e no trabalho daquele que exerce. Logo, consegui reafirmar isso, quando o senhor Marcelo disse:

> Olha, a cura não depende só de mim, eu sou só um instrumento de Deus e dos meus conhecimentos espirituais e quem cura é a fé. A medicina caseira e os trabalhos de rezas que é feito é movido da fé da gente, porque a gente faz para Deus, para os santos e para a própria pessoa também que crê. E olha, um dia, participei de um documentário muito bom, e a responsável voltou em casa querendo que fizesse um banho pra ela, e no final ela perguntou se poderia me falar uma coisa e disse que tinha sentido algo mágico, diferente durante o contato do banho, que renovou as energias, a áurea, sentindo-se outra pessoa (Marcelo Laranjeira, entrevista, 2026).

Após este relato, ele acrescentou: “é exatamente isso o fundamento do trabalho, a pessoa sentir o conforto, sentir a paz na alma. E nesse processo eu sempre digo quando a doença é pra mim ou pro médico”. Desse modo, novamente percebemos o que eu afirmei no início da escrita, sobre existir doença para médicos e doenças que não são para médicos. E durante a pesquisa e conversas com essas pessoas, conseguir reafirmar todas essas “suposições”. Entretanto, antes de finalizar esses pequenos relatos de diálogo é importante destacar sobre existir pessoas que acreditam e outras não, nesses saberes. E na comunidade não é diferente, um grande percentual de pessoas acreditam na cura através da fé em Deus e também nas práticas de pajelança, no entanto, como foi citado no primeiro tópico, conseguir ter um breve diálogo com uma moradora que não acredita em nada que envolva pajelança.

Dessa forma, queria retomar nesse tópico, umas falas da dona Maria de Nazaré Oliveira, antes de fechar esses relatos de conversa, pois, é a reafirmação do que citei no início, que existe pessoas que acham esses saberes malignos e que foi criada para enganar as pessoas. Diante dessa afirmação, que perguntei a dona Maria de Nazaré o que ela acha sobre a pajelança e por que não acreditava. E ela rapidamente me relatou:

> Eu não acredito nessas coisas, ao contrário, acredito que ele faz é jogar o mal, ele próprio faz o mal as pessoas, dizendo que fez isso e aquilo, que talvez ele mesmo tenha colocado. Assim, pelo fato de não crê, acho que tem algo do inimigo sim, porque são pessoas dizem fazer o bem, mais que por trás sempre tem segundas intenções, beneficiando-se do pobre, porque tem gente que nem quer mais ir no médico, só vivem em pajé. Mas, para mim, isso não é coisa de Deus, é algo maligno sim, porque ele mesmo consegue botar e tirar pra pessoa que acredita vê e propagar que viu e aconteceu. E Deus nos deu o dom da cura através da oração, pelo espírito santo, aí sim milagres acontecem, mas, pela fé em Deus, e aquele ser humano que não serve e nem prática essa fé e ainda diz ser pajé mais não vai na igreja, não prática a fé que Deus nos deixou só tentam enganar os que acreditam, mesmo eles tendo no consultório dele um monte de santos, do que adianta, se não pratica a fé, religiosidade. E eu vejo muita gente aqui no Tatú procurando pajé, pessoas que ainda acreditam e vivem na igreja dizendo ser católico, é uma luta constante, mas, não podemos ir contra se eles acreditam, não se converteram verdadeiramente, e eu respeito, no entanto, não existe cura nessas práticas, a cura vem de Deus, não existe outro meio, pajelança não é de Deus. Isso só é algo para ludibriar as pessoas. Eu ouço quando alguém me relata algo assim, mas, não acredito nisso, sou católica só creio Jesus Cristo. E isso já até tornou cultural nessa comunidade, porque as pessoas vivem buscando benzimento, mais para mim isso é só enganação, nunca levaria um parente meu pra um pajé...
> (Maria de Nazaré Oliveira, conversa informal, 2026).

Fonte: Arquivo Pessoal

Ao final da conversa, logo percebi a forte influência da igreja carregada em cada fala, percebendo a forte presença de estereótipos enraizados ao longo do tempo entre a pajelança e a religiosidade. Quando a dona Nazaré fala sobre “o escritório de santos”, ela faz referência ao pajé em geral ter uma mesa de santos católicos, entretanto, sem estar presente no catolicismo, pois, segundo ela “tem que ser praticante, ir na igreja, ter uma fé” e não basta somente ter santos em casa. E na imagem seguinte, a gente percebe que o senhor Marcelo tem uma mesa composta de santos, mas, como ele diz “todos esses santos me ajudam nas orações, creio em cada um, mesmo, não sendo um católico praticante.”

A imagem reforçar uma dualidade de opiniões vinculadas a religiosidade, tendo em vista que muitas pessoas acreditam que se alguém não tem uma religião, ela não pode ter uma fé, ela não pode ter uma crença. Por isso que acredito que em relação a pajelança, a cura nessas práticas, alguns pensamentos não são diferentes, existem essas dualidades e preconceito. A imagem do senhor Marcelo ao lado do seu altar, não significa que ele só tem um enfeite, mas, sim que ele tem fé e tem uma crença, mesmo, que não seja somente a católica.

Segundo Agenor Sarraf Pacheco (2010, p. 91-92), no contexto religioso, as práticas de cura popular como a pajelança, o benzimento, o uso de ervas e instrumentos como o maracá, os feitiços de amarração amorosa e as adivinhações eram vistos pela Igreja Católica como uma forma de ameaça aos ensinamentos bíblicos. Apesar do uso frequente de elementos do catolicismo como orações de santos padroeiros, e a presença de imagens sacras no altar durante os rituais de pajelança, essa utilização era vista como "pseudocatólica", servindo para a população como uma segunda visão sobre pontos centrais do catolicismo como a morte, deuses, culto, cura, sendo interpretados pelos eclesiásticos como um perigo, o que ocasionou em repressões e investigações desde o período colonial com o tribunal do Santo Ofício. Isso influenciou nas perseguições contra pajés e curandeiros na segunda metade do século XIX, devido a romanização empreendida pela Igreja Católica (Figueiredo, 1996).

É possível encontrar a prática do benzimento em diversas cidades e regiões do Brasil, tanto para libertação de enfermidades quanto de outros objetivos, como encontrar objetos perdidos, afugentar animais, entre outros. Isso mostra a resistência da cultura frente às perseguições religiosas. A Igreja Católica, por exemplo, marginalizava o benzimento por não levar em consideração aspectos espirituais que não condiziam com a ortodoxia católica (Nogueira; Versonito; Tristão, 2012). Entretanto, pode-se perceber ao longo do texto, que a busca por tratamento com pajés e feiticeiros se dá também pela necessidade de encontrar no mundo místico o tratamento para doenças que, na medicina científica dita oficial, não seria possível sanar (Santos, 2014, p. 6).

Dores inexplicáveis, situação de definhamento, lamúrias, dores de amor, a volta da pessoa amada, o tratamento de doenças causadas por seres encantados como o curupira, mãe d'água e o boto, são alguns dos motivos que levam à busca pela cura através da magia, que geram após a sessão uma sensação de conforto pela compreensão e o tratamento de sua dor. Nesses casos, existe um entendimento de que a doença está na alma e o único capaz de acessá-la é aquele que possui contato com os dois mundos, que servirá de mediador para tratar tais questões e assim "tentar devolver à consulente a ordem social e individual da vida" (Calvelli Germiniani, 2011, p. 364). Portanto, é perceptível que existem dois mundos de cura, visivelmente presente na

comunidade pesquisada. Nela existem as pessoas que buscam o pajé e existem aquelas que dizem ser feitiçaria para enganar as pessoas.

Desse modo, posso dizer que a pajelança existe para trazer equilíbrio ao dois mundos existentes, isso, porque quando a pessoa está fraca, doente, triste ou sentindo o corpo carregado de coisas ruins ela busca aquele que pode curar o invisível, algo que ela não está vendo, e que o médico através dos exames as vezes não consegue ver, mas, que um benzedor, um pajé, consegue sentir, perceber e curar com seu conhecimento ancestral, com o seu dom divino, como muitos acreditam através de um simples olhar. Desse modo, para completar essa afirmação uso a última fala do senhor Marcelo Laranjeira (entrevista, 2026): "Eu sempre busco à Deus, o conhecimento e tudo que ele já fez comigo, por isso, eu sempre consigo detalhar e perceber pelo semblante da pessoa, consigo ver como é que ela tá". E isso, meio que contradiz, ou talvez afirme uma dualidade, afinal, a outra entrevistada relatou sobre os pajés não ter uma crença, e mesmo assim, ter um "escritório de santos", (como mostra a imagem), ou seja, é visivelmente perceptível os estereótipos, os preconceitos que algumas pessoas carregam perante a influência da religiosidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, esta pesquisa evidencia a presença real de crenças, saberes e benzeções, por meio das múltiplas práticas de pajelança na comunidade do Tatú, interior do município de Tracuateua (PA). Ao analisar a comunidade, percebi que faz parte da cultura local dos moradores, eles acreditam fielmente no poder da cura através do pajé da comunidade. Para eles se um médico não consegue curar ou dar um diagnóstico, o pajé vai conseguir. Porque na visão geral, existem doenças que a medicina pode curar, porém, existem doenças que somente os saberes de um pajé pode curar. Um quebranto, um mal olhado, "um corpo aberto", isso, a medicina não fala, mas, o saber por trás do "invisível" pode.

Fundamento minha pesquisa na certeza de que esses saberes, crenças, benzeções da pajelança, como a temática escolhida, é visivelmente cultura viva e identitária da comunidade, mesmo existindo pessoas que não acreditam nessas práticas, mas, todavia, a maioria das pessoas que tive contato, acreditam nos saberes que não são vistos, mais sim, sentidos, através da cura, do bem estar ao tomar um chá de planta medicinal, uma garrafada, ou até mesmo após o senhor Marcelo (pajé), simplesmente benzer a pessoa. Como uma moradora em pesquisa relatou "as vezes eu estou tão ruim, mais quando ele vem me benzer, faz aquela oração com pião roxo, minutos depois eu já me sinto bem".

Portanto, na comunidade do Tatu, interior de Tracuateua (PA), a pajelança tem um grande impacto e envolvimento com a cosmologia indígena na presença desses saberes e espíritos ancestrais do mundo invisível fortemente presente na cultura local da comunidade e na vida das pessoas que acreditam e buscam a cura com fé nesses saberes tradicionais repassados de geração em geração. Claro que muitos desses conhecimentos foram se perdendo ao longo do tempo, mas, alguns ainda estão sendo resgatados e inseridos no cotidiano de algumas pessoas que acreditam e tem fé na cura através das múltiplas práticas existentes fora e dentro da comunidade. Afinal, as múltiplas práticas de pajelança não consistem em atividades exclusivas de um único grupo homogêneo, mas sim, de diversas expressões culturais coexistente em muitos interiores do nosso país,. Todavia que realça a grande resistência coexistência não somente na comunidade estudada, mas, em tudo aquilo que não é dito sobre a pajelança/práticas de cura.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989.

ARCHANJO, L. R.; LEITE, D. A. T. A benzeção como prática terapêutica. In: RASIA, J. M.; LAZZARETTI, C. T. **Saúde e Sistema Único de Saúde**: estudos socioanalíticos. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

ASP, Danilo Gustavo Silveira; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos. O caminho fundo: a história e sentido de pertença na comunidade do cigano, (Tracuateua-PA, entre colônia, império e república). **Nova Revista Amazônica**, v. 6, n. 1, p. 103- 120, 2018.

BRANCO, Rosanne Castelo. A pajelança cabocla: aspectos da tradução entre a feiticeira e xamãs. **Nova Revista Amazônia**, v. 5, n. 1, p. 55-66, 2017.

CALVELLI GERMINIANI, Haudrey. Um olhar antropológico sobre as benzedeiras, cartomantes e videntes da Zona da Mata Mineira. **Revista de Ciências Humanas UFV**, v. 11, p. 359-373, 2011.

CASTRO, Mírian de Araújo Mafra; CAVALCANTE, Rubia Maria Farias. Saberes de cura e práticas corporais: pajelança na feira da Manaus Moderna. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 3, n. 3, p. 153-170, 2018.

CAVALCANTE, Mayra Cristina Silva Faro. **A cura que vem do fundo**: mulher e pajelança em Soure (Ilha do Marajó/PA). 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidade no Brasil colônia. São Paulo: UNESP, 2009.

FERRETI, Mundicarmo. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. In: SEMINÁRIO DE AÇÕES INTEGRADAS EM FOLCLORE, 6., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Comissão Nacional de Folclore, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados**: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. 2.ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. **Guaju**, v. 1, n. 2, p. 101-126, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p. 11-63.

MOURÃO, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Revista de Humanidades**, v. 11, n. 29, p. 1-15, 2011.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, crenças, simpatias e benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, Uberlândia/MG. **Anais [...]**. Uberlândia/MG: INTERCOM, 2006.

NOGUEIRA, Léo Carrer; VERSONITO, Suelen Malheiro; TRISTÃO, Bruno das Dores. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée – Revista de Geografia da UEG**, v. 1, n. 2, p. 167-182, 2012.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de**. O que é benzeção**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias afroindígenas na Amazônia marajoara: narrativas, práticas de cura e (in)tolerâncias religiosas. **Horizonte**, v. 8, n. 17, p. 88-108, 2010.

PIMENTEL, Júlia Gessica; SILVA, Fredson Antônio; SILVA, Josué da Costa. Os desafios da prática de benzeção no estado de Rondônia, Brasil. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 26, n. 2, p. 217-239, 2024.

REIS, Romaisson. **Eu sou um curador**: a arte da cura, suas práticas e os saberes populares no município de Bragança do Pará. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2016.

SANTOS, Claudia da Silva. Rezadeiras: guardiãs da memória. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 5., 2009, Salvador/BA. *Anais...* Salvador: UFBA, 2009.

SANTOS, Solange dos; GUARIM NETO, Germano. Medicina tradicional praticada por benzedeiras de Alta Floresta, Mato Grosso. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1. n. 2. p. 27-50, 2005.

SANTOS, Thiago Lima dos. Pajelança: religião e sociedade nos séculos XIX e XX. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal/RN. **Anais [...]**. Natal: ABA, 2014.

SOARES, Márcia de Souza. Médicos e mezinheiros na corte imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 8, n. 2, p. 407-438, 2001.

SOUSA, Wanna Célli da Silva. **Cura, saberes e modos de vida na prática do curandeirismo em Bragança-PA**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2014.

STANCIK, Marco Antonio. Medicina e Saúde Pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX. **Esboços**, v. 16, p. 111-136, 2009.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

7. FONTES ORAIS

Marcelo Laranjeira. Conversa informal concedida à autora. Cajueiro do Tatú, Tracuateua (PA), 04 de abril de 2025.

Marcelo Laranjeira. Entrevista concedida à autora. Cajueiro do Tatú, Tracuateua (PA), 05 de maio de 2026.

Maria de Nazaré Oliveira. Conversa informal concedida à autora. Cajueiro do Tatú, Tracuateua (PA), 26 de maio de 2026.

Maria dos Remédios Reis. Entrevista concedida à autora. Cajueiro do Tatú, Tracuateua (PA), 15 de dezembro de 2025.